

Recebido em: 06 ago. 2018
Aprovado em: 04 set. 2018

[dx.doi.org/
10.23925/1984-3585.2018i18p62-74](https://doi.org/10.23925/1984-3585.2018i18p62-74)

E-books e a mídia do livro

Thiago Mittermayer¹

Há um espaço entre zero e um, da mesma forma que há um espaço entre uma palavra e outra e um espaço entre uma página e outra.

Marcus Bastos (2005, p. 108)

Resumo: O artigo trata da mídia do *e-book* em relação com a mídia do livro em geral. Após uma síntese a respeito dos livros tradicionais, ele contrapõe os livros impressos com os livros digitais e reflete os benefícios e as desvantagens dos livros em formato digital. Será que o *e-book* significa o fim do livro impresso? O artigo examina o perfil do leitor ubíquo, conceito elaborado por Lucia Santaella na sua tipologia dos perfis de leitor que distingue entre o leitor contemplativo, movente e imersivo. O leitor do *e-book* pertence à classe dos leitores imersivos, que apresenta familiaridade com os dispositivos móveis, tais como *tablets*, *smartphones* e *e-readers*.

Palavras-chave: *E-books*. Livros. Publicações digitais. *EPUB*. Leitor ubíquo.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob orientação de Lucia Santaella – atualmente no Canadá, realizando doutorado sanduíche (CAPES) na *University of Toronto* sob orientação do Prof. Dr. Marcel Danesi. No TIDD obteve o título de Mestre (2016). Graduado em Tecnologia e Mídias Digitais em 2014 pela mesma universidade. Autor do *e-book Narrativa transmídia: uma releitura conceitual* (2017) publicado pela Editora CoD3S. Integrante dos grupos de pesquisa CSGames, Sociotramas e TransObjetO. E-mail: thimitter@gmail.com

E-books and the book media

Abstract: This article is about the medium of the e-book in relation to the one of the book in general. After a synthesis of traditional books, it contrasts printed books with digital books and reflects on the benefits and drawbacks of books in digital formats. Does the e-book mean the end of the printed book? Based on Lucia Santaella's typology of reader profiles, which distinguishes between contemplative, moving and immersive readers, a new new type of reader familiar with mobile devices, such as tablets, smartphones and e-readers.

Keywords: E-book. Books. Digital publications. EPUB. Ubiquitous reader.

Introdução

Quando o assunto é o livro impresso em relação ao livro digital, a tendência é de opor os formatos, há uma disputa ingênua entre quem ficará em primeiro lugar. Nesse contexto, o mercado editorial, os leitores e até os escritores demonstram dúvidas e indagações tal como: Qual formato é melhor? – Prefiro os livros digitais porque eles são mais ‘ecológicos’ que os tradicionais. – Mas, o livro digital nunca oferecerá a mesma experiência e sensação do livro impresso. – O fato é que os livros físicos estão com os dias contados, pois vivemos em uma era digital. – O formato digital é melhor que o tradicional porque o custo de produção e o valor do produto são mais acessíveis aos leitores.

A título de exemplificação do desentendimento entre editoras, leitores e escritores sobre os novos rumos dos livros no universo digital, Lameira (2018) investiga o estranhamento que algumas editoras de livros têm com os *booktubers* – estes são *youtubers*, que realizam uma revisão crítica de determinado livro por meio de um vídeo publicado na plataforma *YouTube*. Segundo o autor: “O novo vem, e devemos ter humildade para entender, aceitar, cocriá-lo e, o mais bonito, participar em um ambiente democrático: se não aceitarmos como está, podemos criar ou apoiar um canal em que acreditamos e ver se as pessoas realmente se interessam pelo que nos interessamos” (ibid.).

No ensaio *Livros* – versão diferente do capítulo *Livros* presente na obra *A escrita: há futuro para a escrita?* (2010), Flusser escreve: “É paraíso, ou é inferno, estar cercado de coisas deliberadamente transformáveis em outros? Pode se tentar analisar essa curiosa presença chamada ‘livro’, a fim de compreender seu clima. Mas nunca virá resposta à pergunta: ‘que é um livro?’” (s.d., p. 1). Dada a complexidade que envolve o tema, o ponto de vista aqui proposto está distante da polarização entre físico versus digital e de pensar que a versão high-tech do livro acabará com a versão precursora.

No livro citado anteriormente, Flusser (2010, p. 113) pondera “Se o livro tiver de se render às memórias automatizadas, as informações ali ar-

mazenadas serão reveladas com métodos mais refinados do que aqueles do abrir e do folhear. Uma ciência e uma técnica inteiramente relacionadas a esses métodos estão em gestação”. Bom, o *e-book* já nasceu e pensar que o fim do livro impresso é o livro digital é um equívoco tremendo. Isso porque não se pode esquecer de que o segundo só surgiu graças ao primeiro. A título de curiosidade, na conferência *From Internet to Gutenberg*, Eco (1996) recorda que quando o Faraó Thamus refletiu a respeito da memória humana com relação ao surgimento da escrita, o medo era tão grande que Thamus disse “Isto matará aquilo”. Livro impresso e digital não precisam estar em guerra. Para um viver, o outro não precisa morrer. A conversação é tão mais interessante quando novas e velhas mídias se estranham e operam de maneira complementar e complexa. Que tal se ambos viverem em paz? Portanto, falar de *e-books* é falar sobre *books*.

E-books

O termo *e-book* significa “livro eletrônico”; a forma mais utilizada em português é “livro digital”. Segundo Santaella (2013a, p. 199), os *e-books* são “réplicas digitais de obras também existentes em papel. São textos com o mesmo conteúdo da versão impressa, mas veiculados em suporte digital”. Vale destacar que hoje já temos livros que são publicados apenas no formato digital.

Em termos técnicos, é possível lançar um livro digital a partir dos seguintes formatos de arquivos: DOC, HTML, PDF, ePub e INDD. Essas extensões oferecerem configurações diferentes tanto para autores quanto leitores. O que autores, leitores e editoras não podem esquecer é o que tornam livros, livros. Algumas das características mais importantes dos livros impressos (capa, título, sumário, capítulos, parágrafos, entre outras) também são imprescindíveis nos livros digitais.

Contudo, é necessário compreender que o processo de editoração e diagramação nos livros digitais não são mais os mesmos. A velha máxima “Nós olhamos para o presente através de um espelho retrovisor. Nós marchamos para trás para dentro do futuro”, de McLuhan (1967, p. 74-75), ainda está viva. É preciso ter em mente os aspectos fundamentais de um livro – impresso ou digital – e combinar estes com os aspectos intrínsecos da obra a ser desenvolvida. Em outras palavras, sempre pensar como será a relação entre forma e conteúdo, meio e mensagem.

No capítulo *Literatura expandida* do livro *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Santaella (2013a, p. 187) apresenta uma

síntese excelente sobre a transição do livro impresso para o digital. A pesquisadora destaca que até à chegada do jornal, no século XIX, o livro era a única forma de armazenamento, memória e transmissão de conhecimento em nossa civilização. Bastos (2000, p. 14) lembra que “a passagem do livro ao jornal já implica em mudanças no processo de articulação entre as linguagens que o suporte impresso abriga”. Assim, o surgimento de uma tecnologia, interface ou superfície implica em um espaço com novas possibilidades de escrita e leitura. Santaella reflete:

Embora tenha existido e ainda continue a existir a oralidade na literatura, não há dúvida de que, do século xv ao xx, o livro impresso em papel e a literatura formavam um par perfeito. Turbulências nesse casamento começaram a surgir com a emergência desse personagem que apareceu para embaralhar todas as cartas da cultura: o computador trazendo com ele o reinado do universo digital. (SANTAELLA, 2013a, p. 189)

Em pleno século XXI é mais que perceptível que a revolução digital está incorporada no mundo e nas vidas das pessoas. É necessário citar algumas características dos computadores visto que, para ser lido, um livro digital exige um *e-reader* (leitor eletrônico) ou algum outro recurso digital, tal como: *tablets*, *smartphones* ou *notebooks*. O computador – de nível nano até de macro – é a ferramenta mais poderosa que temos à nossa volta. No campo da comunicação e da cultura, o computador se tornou uma metamídia, isto é, a mídia das mídias.

No seu *opus magnum*, *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*, Murray (2003, p. 264) define o computador como camaleônico e afirma que ele é “um meio de representação, uma forma de modelar o mundo que adiciona suas próprias e potentes características aos meios tradicionais de comunicação que ele vem assimilando tão rapidamente”. Segundo a autora os computadores devem estar a serviço da sociedade dado o seu respectivo poder de representação (*ibid.*).

O que temos de especial é que o computador começou a englobar os outros meios de comunicação. O computador é o “monstro” que engoliu as outras mídias. Ao sugar os signos das velhas mídias para dentro de si, o computador acaba por produzir novos signos que são híbridos, digitais, interativos e mutáveis. Logo, o computador absorveu o livro e com isso trouxe para dentro de si um aspecto poderoso do livro: o de ser o responsável pelo compartilhamento do conhecimento em diversas áreas do saber.

De volta ao ensaio *Livros*, Flusser (s.d., p. 2) define que livros “são coisas específicas, a saber [,] meios pelos quais alguns homens se comu-

nicam com outros”. Segundo Flusser, acreditamos que nos identificamos em livros, mas em verdade nos reconhecemos em seus autores. Posteriormente, o autor (ibid.) postula que enquanto meios de comunicação os livros estão em crise e diz: “Há meios mais apropriados atualmente, por exemplo, os canais de massa. Destarte estaríamos superando livros, (como já superamos a lenda falada e cantada), prova que livros são coisas ultrapassáveis, como o são todas as coisas no mundo”. Ele segue sua argumentação e reflete que o raciocínio aplicado aos livros pode ser feito com os homens, ou seja, “os homens estariam atualmente em crise. Há meios mais apropriados, por exemplo, computadores. Destarte estaríamos superando homens, (como estamos superando livros), prova [de] que homens não passam de coisas”.

Em síntese, Flusser propõe que homens, livros e outros fenômenos do mundo objetivo são compreendidos como cifras e enigmas. Se cifras são decifráveis e enigmas são resolvidos, portanto, todos os objetos do mundo apresentam um significado, isto é, algo a ser descoberto. Ao longo da pré-história, história e pós-história nos acostumamos com à ideia de que tudo no mundo tem que ter um motivo, um porquê, um significado. O autor explica:

Não há significado no fundo do mundo objetivo. Isto explica a tentativa repetida de considerar o mundo “livro”, e tentar lê-lo. Porque é difícil aceitar que o mundo objetivo não tem significado. O “mundo enquanto livro”, este conceito islâmico, e renascentista, e talvez até setecentista, que faz com que cientistas e outros procurem por significado escondido nas coisas, (a matemática, ou qualquer outra mensagem de não importa que Autor), é conceito insustentável. Porque mais cedo ou mais tarde pode ser demonstrado que o significado descoberto foi posto lá pelos seus próprios descobridores. É esta a razão porque é impossível o reconhecimento nas coisas, no mundo objetivo: por ser ele opaco a não importa que significado. (FLUSSER, s.d., p. 3-4)

Essa é a maneira pela qual Flusser justifica a dificuldade e a complexidade de definir “o que é um livro?” A mesma coisa acontece quando nos questionamos: “O que é um *e-book*?” Será que no futuro os *e-books* serão coisas superáveis e obsoletas? Um *x-book* entrará em ação e exterminará tanto o livro tradicional quanto o digital? Bom, por enquanto, isso tem mais cara de ficção científica.

A respeito do desaparecimento ou não dos livros, não podemos deixar de mencionar o livro *The Future of the Book*, editado por Geoffrey Nunberg (1996), que surgiu de uma conferência homônima realizada no *Center for Semiotic and Cognitive Studies* na *Universidade de San Marino* em

1994. No prefácio da obra, Patrizia Violi recorda que a leitura é a forma mais antiga de comunicação tecnologicamente mediada. Na introdução, Nunberg (1996, p. 14) afirma que uma das razões pelas quais as novas tecnologias (na época, o computador) despertaram interesse em escritores é o fato destas “fornecerem uma excelente ocasião para refletir sobre as formas do discurso”. O livro avança com onze capítulos de pesquisadores notáveis, tais como, Carla Hesse, George P. Landow, Jay David Bolter, entre outros, e com discussões sobre o metaleitura, hipertexto, autoria, dentre outros. Por fim, no prefácio temos as palavras brilhantes de Umberto Eco: “Livros continuarão a ser indispensáveis não apenas para a literatura, mas para qualquer circunstância em que se precise ler atentamente, não apenas para receber informações, mas também para especular e refletir sobre elas” (NUNBERG, 1996, p. 300).

Há cinco anos, na publicação de “O livro será eterno?”, Santaella (2013b) questionava: “Será que o desdobramento dos livros nos seus formatos digitais vai ajudar a superar a endêmica anemia para a leitura neste país?” Com base no presente, o que podemos afirmar é que os livros digitais são apenas mais uma superfície pela qual a sociedade pode ler livros. Logo, em certa medida, o livro digital não deixa de ser um incentivo à leitura e à educação. Outro fator positivo, segundo Santaella (2013a, p. 199), é que “um dos atributos mais notáveis do meio digital encontra-se na portabilidade: adquire-se um livro de qualquer lugar para qualquer outro lugar. A leveza é outro atributo”.

No entanto, os livros digitais também apresentam desvantagens e dualismos. Por exemplo, ao mesmo tempo em que os *e-books* são mais ecológicos que os livros físicos porque não gastam papel, existe um outro desflorestamento e uma outra forma de poluição para a produção dos *e-readers* (*Kindle, Lev, Kobo, iPad*). A mesma coisa acontece quando pensamos em termos financeiros. De um lado temos que alguns livros digitais são vendidos a preço de banana (R\$ 1,99), mas por outro lado, os *e-readers* podem custar valores acima de mil reais, o que, para a população de um país em desenvolvimento, é altíssimo. Sem contar que os leitores ávidos têm mais fetiche pelas qualidades hápticas e olfativas dos livros impressos do que pela interatividade dos digitais.

O ponto é que os *e-books* são tão complexos como os livros impressos. Estudiosos ainda levarão muito tempo para compreender os limites desse objeto rico em conhecimento humano tanto em superfícies interativas quanto em superfícies de celulose. Contudo, é necessário abrir parênteses para destacar a obra *O livro depois do livro*, de Beiguelman (2003),

e a dissertação *Livros digitais para dispositivos móveis: repensando forma e conteúdo*, de Fluture (2015), em que as pesquisadoras investigaram os limites dos livros.

Um livro digital ainda é um livro. A definição de livro que adotamos para esta pesquisa é de que para um objeto ser denominado como livro ele tem de ser um objeto que divulga conhecimento de acordo com a estrutura mais simples para isso: capa, título, autor, sumário e capítulos. Livros manifestam signos verbais, visuais e, em virtude do meio digital, signos sonoros, interativos e híbridos. Mas, como fica o leitor nesse contexto? O leitor exerce uma atividade cognitiva de leitura similar ou diferente no livro digital?

Leitor ubíquo

No livro *Tudo que é ruim é bom pra você*, Steven Johnson (2005) defende que nos últimos cinquenta anos a cultura e a comunicação contemporânea ficaram mais complexas intelectualmente. Johnson fala que as mídias exigem uma espécie de empenho cognitivo das pessoas. O autor parte do princípio de que livro, televisão, cinema, internet e videogame requerem um exercício cognitivo para serem compreendidos e que isso vem a ser algo nutritivo para os nossos cérebros.

A partir da ascensão complexa dos meios de comunicação, o autor (ibid., p. 17) define a Curva do Dorminhoco (*sleeper curve*) como aquela que envolve o choque das seguintes forças: “os apetites neurológicos do cérebro, a economia da indústria cultural e as mudanças de plataformas tecnológicas”. A *sleeper curve* permite refletir que as discussões acerca da comunicação atual deveriam girar mais em torno de como utilizaremos as mídias de forma nutritiva do que o simples debate a respeito da sobrevivência de uma ou outra mídia. Portanto o arco do dorminhoco expõe uma força benéfica da comunicação em que os meios analógicos e os digitais são produtores de sentido e estimulam as nossas capacidades cognitivas, e não as debilitam.

Por motivo de recorte, exibiremos apenas as indagações de Johnson a respeito dos aspectos cognitivos utilizados nos livros. Após diagnosticar o declínio do hábito da leitura e que até mesmo o mais ambicioso dos leitores interage com diferentes mídias, Johnson argumenta que as recompensas do livro e da leitura se enquadram em duas categorias: (1) a informação contida no livro e (2) o esforço mental para interpretar essa

informação. A diferença básica entre essas categorias é que a primeira se refere a adquirir informação enquanto a segunda a exercitar a mente.

Johnson afirma que “os benefícios cognitivos da leitura envolvem as seguintes habilidades: esforço, concentração, atenção, capacidade de dar sentido às palavras, de seguir fios narrativos, de esculpir mundos imaginários a partir de simples frases em uma página” (ibid., p. 26-27). O autor considera a palavra impressa como o veículo mais poderoso para transmitir informações complicadas, entretanto, ele observa que a palavra do meio digital começou a ser tão eficiente quanto a dos livros impressos.

De maneira complementar, temos a definição de leitor ubíquo proposto por Santaella (2013a). O leitor ubíquo é um perfil que exerce a atividade interpretativa da leitura em qualquer lugar e momento e utiliza para isso os seus respectivos dispositivos móveis. Ele também é composto pela junção dos perfis contemplativo, movente e imersivo – também elaborados pela autora em *Navegar no ciberespaço* (Santaella, 2004).

O primeiro perfil de leitor proposto é o contemplativo. Este leitor tem total conexão com a cultura livresca. Outro nome para esse perfil é meditativo, pois foi no ato de ler os livros, de forma concentrada, solitária e silenciosa nas bibliotecas que esse leitor se desenvolveu. Além dos livros impressos, o leitor contemplativo também lê e interpreta signos duráveis, localizáveis e manuseáveis, por exemplo, pinturas, desenhos e mapas. A autora (2013a, p. 268-269) explica “embora a leitura da escrita de um livro seja sequencial, a solidez do objeto livro permite idas e vindas, retornos, ressignificações. Um livro, um desenho e uma pintura exigem do leitor a lentidão de uma entrega perceptiva, imaginativa e interpretativa em que o tempo não conta”.

Em seguida, temos o leitor movente que denota uma intimidade com a leitura de imagens em movimento e signos híbridos oriundos tanto do cinema quanto da tv. Este segundo perfil tem as seguintes características: (a) percepção instável e com memória curta, mas ágil; (b) pensamento associativo, intuitivo e sintético; (c) fácil transição entre linguagens. Para Santaella (2004, p. 29), o leitor movente “foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas”.

O terceiro perfil de leitor é o imersivo que surgiu nos processos de navegação dos meios digitais e da mistura dos signos sonoros, visuais e

verbais. A principal diferença do perfil imersivo para o contemplativo e o movente é que o leitor imersivo realiza um novo tipo de leitura, a leitura interativa. O perfil imersivo manipula, transforma, cria e interage com os meios digitais, desde consoles de videogames até *smartphones*. O leitor imersivo lê, interpreta, interage com as tecnologias digitais. Segundo a autora (2004, p. 33), o leitor imersivo está em um estado “de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir”.

Não é porque um perfil de leitor surge que outro desaparece. O que temos é a coexistência e a complementação entre os leitores contemplativo, movente e imersivo. Aliás, é da união desses perfis somado à mobilidade e ubiquidade da cultura digital que nasce o perfil ubíquo. A autora (2013a, p. 278) verifica que o diferencial do leitor ubíquo para os leitores anteriores se encontra na “prontidão cognitiva” de guiar-se entre nós e nexos, sem perder o controle da sua presença e do espaço físico. Na mesma passagem, a autora indica que os principais aspectos cognitivos do leitor ubíquo são:

- (1) a mente distribuída capaz de processar informações providas tanto do espaço físico quanto do espaço virtual.
- (2) a capacidade de ver os problemas de múltiplos pontos de vista.
- (3) a assimilação da informação e improvisação diante do acelerado fluxo de textos e imagens que o ambiente mutável apresenta.

Em outro lugar, Santaella (2013b) considera que o leitor ubíquo é aquele de “prontidão em qualquer lugar e a qualquer hora. Esse leitor é um prossumidor, num universo em que as posições entre autor e leitor são comutáveis”. Se cada perfil de leitor aciona habilidades cognitivas específicas, um perfil não subsistiu o outro. Então, o que temos no atual cenário de livros impressos e digitais é que cada perfil cognitivo de leitor contribui de modo distinto para a formação de um leitor aparelhado de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e complexas. Isto é, o perfil do leitor ubíquo.

Perspectivas

Ao longo do artigo ficou nítida a dificuldade de encontrar uma distinção nítida entre as mídias livro e *e-book*. Nas palavras datilografadas por

Flusser em uma máquina de escrever do século passado, o autor expõe a complexa relação entre humanos e livros:

Quem está em sua biblioteca e contempla as paredes recobertas de livros está vivenciando a utopia, a plenitude dos tempos. Os livros, (e os homens), não exigem mais serem decifrados, julgados, condenados e queimados. Passaram a decoração de parede. Mas tal situação tem preço. É este: doravante não me reconheço em nada, sou só totalmente. Se quero romper tal solidão, devo escolher um livro qualquer, tirá-lo da estante, e abri-lo. Mas com isto a história recomeçará, com todos os seus perigos. E se acaso vir a reconhecer-me em tal livro, ressurgirá a pergunta: “Que é um livro?” E não haverá resposta. (FLUSSER, s.d., p. 4)

No artigo *O livro e o mundo: de seus múltiplos fins*, Farias (2016) compara o conto *Fim do mundo do fim* de Julio Cortázar com o capítulo Livros da obra *A escrita*, de Flusser. Farias investiga como Cortázar sugere o fim do mundo em um cenário em que os livros interferem na geografia do planeta e contrapõe esta perspectiva à ficção filosófica de Flusser que aborda se há espaço para a escrita nos dias de hoje. Farias (ibid., p. 168) diz “enquanto houver escritores, livros e leitores haverá mundo por vir, porque não cessarão de aparecer novas camadas de interpretação do mundo”. Segundo ele (ibid.), sempre haverá “camadas de interpretação do mundo” e “se continuamos escrevendo, produzindo livros e leitores, e tudo indica que continuaremos, tudo indica que ainda haverá muito futuro para o futuro”.

Outra perspectiva abordada é a refutação da morte do livro tradicional por causa do livro digital. Murray (2003, p. 23) nos recorda: “O computador não é o inimigo do livro. Ele é o filho da cultura impressa, o resultado de cinco séculos de investigações e invenções organizadas e coletivas que o texto impresso tornou possíveis”. Eco (1996) diz que o “computador é um instrumento por meio do qual pode-se produzir e editar imagens, certamente instruções são supridas por meio de ícones; porém, é igualmente certo que o computador vem a ser, antes de tudo, um instrumento alfabético. Em sua tela rolam palavras, linhas e, para usar um computador, você deve ser capaz de escrever e ler”. Eco aponta que nunca na história da cultura alguma coisa destruiu totalmente outra. O que temos é alguma coisa alterando profundamente outra. Portanto, os *e-books*, possíveis por mérito dos computadores, são apenas uma evolução dos livros tradicionais.

A nossa reflexão final está de acordo com as de Santaella e Eco. Segundo a autora (2013a), “o livro será eterno, especialmente para a informação especializada. Em suma, livros digitais continuam sendo livros

e cumprindo funções que o livro sempre desempenhou; ou seja, livro é um modo específico de configuração da informação, esteja ele no impresso ou no digital”. Por fim, Eco (1996) argumenta: “Livros continuarão indispensáveis não só para a literatura, mas em qualquer circunstância onde se precisa ler cuidadosamente, não apenas receber informação, mas também especular e refletir”.

Referências

- BASTOS, Marcus Vinicius Fainer. *Palavra e imagem: acordes semióticos, do impresso ao digital*. 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. *Ex-Crever? literatura, linguagem, tecnologia*. 2005. 143 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- ECO, Umberto. *From Internet to Gutenberg*. 1996. Conferência apresentada por Umberto Eco na *The Italian Academy for Advanced Studies in America*. Disponível em: <umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg-1996.html>. Acesso em: 04 out. 2018.
- FARIAS, André Brayner de. O livro e o mundo: de seus múltiplos fins. *Eco Pós*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 160-169, jan. 2016.
- FLUSSER, Vilém. *Livros*. Manuscrito, s.d. Disponível em: <flusserbrasil.com/art157.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.
- _____. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- FLUTURE, Samanta Gimenez. *Livros digitais para dispositivos móveis: repensando forma e conteúdo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligências e Design Digital). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.
- JOHNSON, Steven. *Tudo que é ruim é bom pra você: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012 (2005).
- LAMEIRA, Daniel. *Livros e YouTube*. 2018. Disponível em: <medium.com/@lameira/livros-e-youtube-984bf481cc87>. Acesso em: 18 set. 2018.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *The medium is the message: an inventory of effects*. New York: Random House, 1967.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural/Unesp, 2003.

NUNBERG, Geoffrey (org.). *The future of the book*. Berkeley: University of California Press, 1996.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013a.

_____. *O livro será eterno?* 2013b. Blog Sociotramas. Disponível em: <sociotramas.wordpress.com/2013/12/17/o-livro-sera-eterno>. Acesso em: 20 ago. 2018.